



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

MÉRCIA DALYANNE LOPES DE ARAÚJO

**QILLQAQKUNA PIRUWMANTA- FELIPE GUAMAN POMA DE  
AYALA E O INCA GARCILASO DE LA VEGA**

BRASÍLIA

2016



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**QILLQAQKUNA PIRUWMANTA- FELIPE GUAMAN POMA DE AYALA E O  
INCA GARCILASO DE LA VEGA**

Monografia apresentada ao Departamento de História do  
Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília  
para a obtenção do grau de Bacharel e Licenciada em História,  
sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Paulo Ferreira Noguerol.

BRASÍLIA

2016



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**QILLQAQKUNA PIRUWMANTA- FELIPE GUAMAN POMA DE AYALA E O  
INCA GARCILASO DE LA VEGA**

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Luiz Paulo Ferreira Noguerol (orientador)

Instituto de Ciências Humanas - Departamento de História - Universidade de Brasília

---

Prof. Dr. Francisco Fernando Monteoliva Doratioto

Instituto de Ciências Humanas - Departamento de História - Universidade de Brasília

---

Prof.a Dra. Susane Rodrigues de Oliveira

Instituto de Ciências Humanas - Departamento de História - Universidade de Brasília

Data da Defesa: 8 de dezembro de 2016

BRASÍLIA

2016

## **DEDIDATÓRIA**

*In Memoriam* à Dalianne Lopes de Araújo (1995-2012)

Dedicado a Felipe  
Guaman Poma de  
Ayala, ao Inca  
Garcilaso de la Vega  
e a todos os indígenas  
e mestiços, ‘oriundos’  
de um *Novo Mundo*.

## AGRADECIMENTOS

A trajetória de estudos no curso de História (Bacharelado e Licenciatura) na Universidade de Brasília, entre os anos de 2012 a 2016, demonstrou-se importantíssima para minha carreira acadêmica, nos quesitos pessoal e profissional. Pude conhecer, aprender e envolver-me pelo gosto da História. E por esses quatro anos de aprendizado, de questionamentos e inflexões enquanto pessoa - finalizo esse ciclo, agradecendo às pessoas especiais, colegas, instituições e professores que contribuíram para minha formação enquanto historiadora de diversas maneiras e sentidos.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a minha família, representada em sua magnitude e em minha origem. E em decorrência disso, agradeço minha mãe Maria Edna por investir em minha educação, apesar da saúde frágil, ao meu pai Damião por amar a nós à sua maneira e aos meus irmãos e irmãs – Márcia, Tania, Daniela, Marcelo e Maurício, sempre presentes e participando do dia-a-dia quando pudessem. Ainda no quesito da família, lembro-me de meus sobrinhos Mojá e Isabella.

Aos amigos, agradeço a amizade e o companheirismo de Rayara, Fernanda, Ana Cristina, Antônia, Dayse, Maria, Pablo, Walisson e Wizelany por quem mantenho ligações entre o primário ou ensino médio. À Alane, Francisca, Maria Antonia e Vivian por onde houve o nascimento da cumplicidade histórica desde as aulas de *Introdução ao Estudo da História* e a troca frutífera de conhecimento nos dias atuais. Agradeço ainda, ao Marcos, Uelma, Lena, Nayara, Helena, Vanessa, Mariana e Leomara por compartilharem também o gosto pela História e temas afins.

Em relação às Instituições, agradeço a Casa Thomas Jefferson e o UnB-Idiomas pela concessão de Bolsa de Estudos nos respectivos cursos de Inglês e Espanhol. Ao CNPq, pela oportunidade de fazer parte dos Projetos de Iniciação Científica (PROIC-PIBIC) de maneira voluntária entre os anos de 2014-2017. Agradeço também a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), onde pude pesquisar documentos do período colonial no Arquivo Edgar Lauenroth em 2015 – lembrando da Noemi e Fernanda que me auxiliaram com toda a parte burocrática e prática do arquivo. E agradeço, enfim, ao *Vestibular Cidadão* e aos professores e colegas pela oportunidade de fazer parte do cursinho pré-vestibular gratuito para estudantes em vulnerabilidade socioeconômica em 2012, pois sem eles, eu não me tornaria tão cedo a historiadora que almejo ser nos anos subsequentes de minha vida.

Por fim, agradeço os professores que me influenciaram em ter um olhar crítico e construtivo pela História e pela vida, desde o campo erudito, as relações complexas e ambivalentes em sociedade. Sinto-me agradecida pelas aulas da escola pública Centro Educacional São Francisco (São Sebastião), onde estudei entre 2009 a 2011: Diogo, Paulo Vianna, Marissa, Sôla e Carlos, vocês foram meus melhores professores do ensino médio e as maiores inspirações para a vida pós-escolar.

E aos professores da Universidade de Brasília, agradeço os professores André Araújo, Arthur Assis, Marcelo Balaban, Carlos Henrique, Tiago Gil, Thiago Tremonte e Carlos Vidigal que em suas singularidades, representaram uma História múltipla e rica de interpretações, abordagens e metodologias. E em relação às professoras, agradeço às professoras Ione Oliveira e Susane Oliveira.

Enfim, agradeço o professor Francisco Doratioto por ter aceitado o convite de participar de minha banca, pois sabemos de sua imensa gama de experiência e conhecimento no que diz respeito à *História da América*, assim como, a professora Susane Oliveira que apresenta projetos e estudos relacionados ao tema, igualmente essencial e relevante para a banca.

E por último, especialmente importante. Agradeço ao meu orientador Luiz Paulo Noguieról que demonstrou *ofício* à carreira de historiador. Sujeito ético, professor modelo e orientador aberto às críticas, questionamentos e debates. Um verdadeiro *Taytam Mayistru*. Agradeço, enfim, citando novamente o professor Luiz Noguieról e meu amigo de jornada Guilherme Macêdo, pelos quais, pude passar as melhores tardes da carreira acadêmica da graduação, estudando a Língua *Quéchua* em conjunto e em unidade. *Diuspragasunki amigukuna. Ñoqa Mirciam Kani*. (Obrigada amigos. Eu sou Mércia).

## RESUMO

A presente monografia tem por objetivo abordar de modo difuso a dupla-relação entre a vida e a obra do *indígena* Felipe Guaman Poma de Ayala e a do *mestiço* Inca Garcilaso de la Vega na *América Espanhola* dos séculos XVI e XVII, ambos nascidos no Peru. Em adição, a monografia tem o intuito de entender o peso da *identidade indígena* na figura do primeiro personagem e as consequências do nascimento da ideia de *mestiçagem* com o segundo, no Vice-Reino do Peru, comparando-as com situações similares da *América Portuguesa*. Além do mais, a monografia também se preocupou em tocar em pontos, como o do peso identitário e simbólico dos dois autores que ainda que subalternos à colonização, não perderam as origens e identidades culturais no presente contexto histórico, apesar das ambivalências.

**Palavras-Chave:** Felipe Guaman Poma de Ayala, Inca Garcilaso de la Vega, Colonização Espanhola, Mestiçagem, História Comparada.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
CAPÍTULO 1 - CONQUISTA E COLONIZAÇÃO- RAZÃO E FANTASIA.....	8
CAPÍTULO 2 - ‘Y NO HAY REMEDIO’- A BREVE BIOGRAFIA DE GUAMAN POMA.....	16
CAPÍTULO 3 - EL INCA GARCILASO DE LA VEGA- ENTRE DOIS MUNDOS.....	21
CAPÍTULO 4 - QILLQAQKUNA PIRUWMANTA: GUAMAN POMA E O INCA GARCILASO.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
ANEXO DE IMAGENS.....	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	35

## INTRODUÇÃO

A trajetória do cronista indígena Felipe Guaman Poma de Ayala e a do mestiço Inca Garcilaso de la Vega, ambos nascidos no Peru, se encontram em uma dupla-relação e passível de concordância ou contraposição pela *História Comparada*<sup>1</sup>. Os dois autores do século XVII estão inseridos em uma época da História Moderna quando a colonização espanhola se fez pelo caráter colonial, pela usurpação e hierarquização social entre diferentes sociedades e estruturas sociais ao longo do século XVI ao início do século XIX.

Decerto, os dois cronistas foram contemporâneos de uma época em que os povos indígenas, negros, brancos e mestiços se edificaram em diferentes patamares sociais, marcando a constante hierarquia social colonial. E com a movimentação da colonização espanhola, tornou-se evidente que as histórias dos dois autores foram exceções, por conta da capacidade de letramento, conversão ao Cristianismo e consciência crítica das sociedades de que fizeram parte.

Nesse sentido, a Historiografia e a Etno-História da América Espanhola, enquanto campos de pesquisa acerca de tal tema, apareceram como formas de entendimento de tal época e de tal estrutura europeia, combinada com as presenças indígena, mestiça, negra e *criolla*. Quanto à *Etno-História* enquanto metodologia, as pesquisas baseadas nesse campo de conhecimento incluem História, Geografia, Arqueologia, Antropologia e conhecimentos acerca do Meio Ambiente.

Tais escolas passaram a ser desenvolvidas a partir da segunda metade do século XX e tornaram-se grandes instigadoras para o entendimento da *colonização espanhola* do século XVI ao século XVIII/XIX dos países da América do Sul. No caso do Brasil, a *História Social* e a *História Política* predominam nos estudos do período colonial luso a partir do surgimento dos programas de pós-graduação desde os anos 1980 ao período recente. As fontes seriais, os depoimentos e demais fontes do Brasil colonial passaram a ser revistas e reinterpretadas a partir das minorias: negros, indígenas, mulheres, etc.

---

<sup>1</sup> O seguinte artigo, traz em detalhes concisos as teorias e metodologias com as quais podemos utilizar a *história comparada* enquanto método nos trabalhos de História. Ver: PRADO, Maria Ligia Coelho. *Repensando a história comparada da América Latina*, **Revista de História**, 153 (2º 2005), 11-33.

Assim, entre os principais estudiosos da temática da *América Espanhola* no que tange a cultura andina, - os historiadores, etno-historiadores e acadêmicos: John Murra, María Rostworowski de Diez Canseco, Carmen Bernard, Serge Grunziski, Franklin Pease, Rolena Adorno, John Elliot, Nathan Wachtel, Ronald Raminelli e Leslie Bethell, entre outros que se dedicam ao tema da colonização espanhola, abrangem o campo da língua, sociedade, política, economia e cultura. Há também, colóquios e artigos dos mais diversos programas de Pós-Graduação envolvidos sobre o tema de tais personagens e da colonização entendida atualmente a partir do ponto de vista dos *vencidos*, isto é, do ponto de vista de agentes sociais subalternos da colônia.

Ao falarmos das contribuições dos escritos deixados pelo Inca Garcilaso em uma sociedade hierárquica e estamental como a da Espanha<sup>2</sup> do século XVI e século XVII, é evidente que algumas fontes de cunho secundário se combinam ao tratar dele e de Guaman Poma, pela relação ou dissemelhança. Conceitos da colônia advindos da Era Moderna, como o conceito de *indígena*, *mestiço*, *mestiçagem*, *colonizador* e *colonizado* seguem unidos ao serem trabalhados e esclarecidos em debates e discussões que remontam a problemas em relação à colônia espanhola e seus derivantes no espaço de experiência<sup>3</sup> de tais personagens, adjacentes ao espaço colonial.

Em outras palavras, o Inca Garcilaso de la Vega e Felipe Guaman Poma de Ayala, representam, respectivamente um dos primeiros mestiços da *América Espanhola* e um dos principais indígenas do Peru colonial. E por tal, entender as percepções e as interpretações particulares do mundo andino e espanhol da época é sem dúvida um desafio que cabe aos historiadores e literatos, já que remontam a um complexo e riquíssimo passado colonial que ainda carrega distintas e sensíveis lacunas no presente recente.

Além do mais, com os escritos dos dois autores, estes revelam equipamentos teóricos e metodológicos que nos colocam em evidência questionamentos que podemos fazer a partir das obras de um mestiço e de um indígena da colônia: como configurou-se a colônia espanhola? Eram somente os indígenas personagens marginalmente

---

<sup>2</sup> Acerca da fundamentação da colonização espanhola, ver: *A Conquista Espanhola e a Colonização da América*. In: BETHELL, Leslie. (ORG). **História da América Latina**. Vol.1- América Latina Colonial, São Paulo, Edusp, 2008.

<sup>3</sup> KOSELLECK, Reinhart. “*Espaço da experiência*” e “*horizonte de expectativa*”: duas categorias históricas. In: KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, p. 305 a 327.

explorados? Eram os mestiços um novo tipo estamental em uma sociedade recentemente hierarquizada pelos espanhóis?

Assim, o conceito de *índio* e *indígena* ou *mestiço* e *mestiçagem* tem relação direta com um longo debate da historiografia nacional e latino-americana. Como também, no caso dos mestiços, pelo fato de serem descendentes de pais de diferentes “mundos” fazia eles serem vistos com novos olhos em diferentes interpretações, a do bom ou do mau. E eles passaram a ser detentores de uma identidade sócio-política ambivalente: que peso eles teriam enquanto mestiços, indígenas e ou pardos nas colônias?

Com o propósito de debater tais questões, esta monografia foi dividida em quatro capítulos, com as considerações finais e as representações acerca da figura de Guaman Poma e do Inca Garcilaso. Por tal, o título da monografia é denominado como: *Qillqaqkuna<sup>4</sup> Piruwmenta – Felipe Guaman Poma de Ayala<sup>5</sup> e Inca Garcilaso de la Vega.*

Com relação aos capítulos, o primeiro capítulo – *Conquista e Colonização – razão e fantasia* trata da contextualização dada à Conquista e à Colonização em perspectiva detalhada, aliada à caracterização da Conquista do Brasil e a do Peru para sua efetiva comparação. O segundo capítulo ‘*Y no hay remedio*’ possui o objetivo de espacializar a vida e obra do cronista andino Felipe Guaman Poma de Ayala em caráter biográfico, um dos protagonistas da monografia, para fundamentar a perspectiva indígena e excepcionalidade do cronista a partir de sua história e de seus discursos.

O terceiro capítulo *El Inca Garcilaso De La Vega- Entre Dois Mundos*, trata da vida e da obra do mestiço, e da ideia de permanência ideológica entre duas culturas, a indígena de origem e a espanhola e dos indícios trazidos com a problemática da mestiçagem. Enfim, com o último capítulo – *Qillqaqkuna Piruwmenta- o Inca Garcilaso de la Vega e Felipe Guaman Poma de Ayala* - se conclui a monografia, isto é, comparando-se o cronista andino Guaman Poma com o Inca Garcilaso. Ambos os autores, igualmente diferentes e passíveis de relação ou contraposição, foram *qillqaqkunam* e apresentaram sua versão da colonização e das problemáticas originadas por esta.

---

<sup>4</sup> O título quer dizer, ‘escritores do Peru’ - qillqaq- escritor na língua Quéchuá que deriva do verbo ‘escrever’ e ‘kuna’ que atua como pluralizador.

<sup>5</sup> A fonte utilizada a respeito da obra do autor foi a original e que pode ser consultada online: POMA DE AYALA, Felipe Guaman. **El Primer Nueva Corónica y Buen Gobierno**. (1615-1616). Acessado da Universidade Copenhague: <http://www.kb.dk/permalink/2006/poma/info/es/frontpage.htm>

## CAPÍTULO I- CONQUISTA E COLONIZAÇÃO- RAZÃO E FANTASIA

A partir da *Conquista da América*<sup>6</sup> na Era Moderna, o *Novo Mundo* foi perpassado pelo contato de distintas civilizações e causou aos europeus a percepção de um quarto continente<sup>7</sup>. Em consequência disso, entre os pontos marcados da colonização espanhola: a grandiosidade indígena em dupla-significação<sup>8</sup>, a ideia da expansão territorial e o interesse de bens econômicos: como o ouro e a prata se destacam para tratar sobre o contexto histórico. E estes quesitos, serviram de subterfúgio e resposta para o eixo de crescimento econômico e moral (religioso) da Coroa Espanhola e de diferentes reinados europeus no período moderno, entre os séculos XVI e XVIII- XIX (este último século marcado *pelas Guerras de Independência* dos países Hispano-Americanos).

Os países que constituem hoje a América do Sul<sup>9</sup> foram marcados pela gradativa transformação dos agrupamentos indígenas e também da incorporação de indivíduos negros, aliado ao nascimento de mestiços que também passaram a ser explorados compulsoriamente em diversas formas de trabalho e funções para a produção de bens e serviços a serem enviados do Peru (Tahuantinsuyu<sup>10</sup>) e do México para a Espanha, ou do Brasil para Portugal e outras localidades do século XVI ao XVIII-XIX.

Quanto à *Conquista* e aos seus objetivos definidos pela Coroa Espanhola, como detalhado pelo historiador inglês Hugh Thomas, tal empreendimento espanhol “*foi privado e combinado com o rei*”<sup>11</sup>, isto é, o Estado foi o protagonista ao cancelar o

---

<sup>6</sup> É sabido que o conceito de *América* foi fundado em inspiração ao nome do navegador italiano Américo Vespúcio.

<sup>7</sup> Pensa-se na noção de Koselleck para se debater a *História da América*, ao qual os outros continentes em diferentes sociedades, passaram a ter noção de outro horizonte e da existência de outras culturas, ainda que vertiginosamente nos primeiros anos da Conquista e da Colonização. Portanto, ver: KOSELLECK, Reinhart. “*Espaço da experiência*” e “*horizonte de expectativa*”: *duas categorias históricas*. In: KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, p. 305 a 327.

<sup>8</sup> A conotação ‘dupla-significação’ quer dizer que a Coroa Espanhola, por meio dos conquistadores e vice-reis sabia a respeito do poder de decisão e revelia das comunidades indígenas e, para tal, a fim de combatê-la, coube o papel dos espanhóis de se aliar a algumas etnias indígenas, para que a colônia não se ‘rebelasse’ e para que o intento por bens preciosos não fosse prejudicado. Portanto, se foi necessário aliar-se ao diferente - ao indígena, ora explorando-o, ora aliando-se em alguns casos ou exceções.

<sup>9</sup> A exceção do Brasil, que foi colonizado por Portugal nos Quinhentos, e onde a presença indígena, combinou-se com a trazida maciça de indivíduos negros das várias regiões da África, de mouros e judeus.

<sup>10</sup> O Império *Inca* estava dividido em quatro partes, o Tahuantinsuyu, (quatro regiões, quatro metades ou territórios): *Chinchaysuyu*, *Antinsuyu*, *Condesuyu* e *Collasuyu*.

<sup>11</sup> THOMAS, H.: **El Imperio Español de Carlos V**, Buenos Aires, Planeta, 2011.

interesse do investimento recente e, desde o início da Era Moderna, houve uma burocratização que marcou a colonização. No caso do Brasil, Portugal é ainda mais reconhecido por manter políticas do Antigo Regime, a exemplo do uso das mercês ou cargos econômicos ou de patentes militares.

Por conseguinte, pode-se afirmar que tal época foi um período em que as culturas europeias feudais sobreviveram no imaginário social do rei. Conquistadores, vice-reis e missionários religiosos de diversas ordens cristãs contribuíram substancialmente para o nascimento e a transformação do território americano, embora este já tivesse sido ocupado por diversos agrupamentos indígenas distintos ou similares por muito tempo antes da colonização europeia. Segundo J.H. Elliott<sup>12</sup> (1990, p. 128), ao destacar seu entendimento acerca do continente europeu, este denota que:

Este movimiento expansionista de los pueblos ibéricos en el siglo xv, fue un doble reflejo de las específicas aspiraciones ibéricas y las más generales aspiraciones europeas a finales de la Edad Media. En el siglo xv, Europa era una sociedad que todavía sufría las desarticulaciones sociales y económicas causadas por los estragos de la peste negra. Había escasa oferta de trabajo; los ingresos de los aristócratas habían disminuido; los monarcas y los nobles competían por poder y recursos. Era una sociedad, a su vez, que se sentía amenazada a lo largo de sus fronteras orientales por la presencia amenazante del Islam y el avance del imperio turco-otomano. Era una sociedad inquieta y relativamente móvil, a la vez inquisitiva y adquisitiva, inquisitiva hacia el mundo que estaba en sus horizontes inmediatos y adquisitiva en su deseo por lujos exóticos y productos alimenticios, y por el oro que hiciera posible comprar estos artículos de Oriente, con quien se tenía permanentemente una balanza comercial desfavorable.

Ainda segundo Elliott (1990, p. 131), a relação estratégica da coroa para com o clero, já que as duas tinham interesses e aliar-se, foi essencial para o empreendimento político-moral econômico:

Pero el gran movimiento expansionista que llevó a la presencia española a través del Atlántico era algo más que un esfuerzo masivo de una empresa privada que adopta temporalmente formas colectivas. Más allá de la unidad individual y colectiva había otros dos participantes que colocaron un sello indeleble en toda la empresa: la iglesia y la corona.

Logo, pensa-se também, que a colonização espanhola teve como grande objetivo o da expansão da fé cristã, em que ela justificou a colonização dos povos indígenas do Peru e do México a fim de convertê-los, cristianizá-los e livrá-los do status de ‘pagãos’,

---

<sup>12</sup> *La Conquista Española y las Colonias de América.* (p.138). In BETHELL, Leslie. (ORG). **Historia de América Latina.** Vol.1- América Latina Colonial, 1984: Cambridge University Press, Cambridge – 1990.

‘selvagens’ e/ou ‘bárbaros’. Isso, portanto, marcou as diversas ordens religiosas, e entre as que atuaram no continente americano, poucas sabiam como haviam se configurado as práticas socioculturais do “outro”, a dos Aztecas, dos *Mayas*<sup>13</sup> e dos *Incas* e de como os agrupamentos indígenas praticavam seus cultos, mitos e festas para as diversas divindades ou seres religiosos.

Consoante os *conquistadores*, a exemplo de Hernán Cortês e todo seu aparelhamento militar - conquistador do México em 1518-1519 a 1521 - e Francisco Pizarro que aproveitou-se da experiência do conhecimento do Panamá - conquistador do Peru em 1532 - ,que atuavam a serviço da Coroa Espanhola, estes nada mais eram do que homens das camadas ou extratos inferiores da sociedade espanhola, juntamente com outros corsários, piratas e conquistadores que já tinham consigo, o interesse de enriquecer, ora como súditos do rei, ora enquanto ‘servos’ em busca de bens econômicos que poderiam ou não mudar a própria sorte, entre ‘*a razão e a fantasia*’.

Além do mais, no que diz respeito às viagens além-mar, dadas as condições insalubres das grandes navegações, muitos navegantes e conquistadores padeciam às enfermidades ou morriam, e os que sobreviviam pela sorte, tinham o objetivo de enriquecer-se rapidamente a qualquer custo, pois isso poderia levá-los à obtenção de títulos, fama e honra de grande valor social para viverem como possíveis ‘nobres’ da Espanha Moderna, que em sua essência carregava as tradições medievais no movimento de transição para a Era Moderna- entre rei e rainha, servos e súditos.

No caso dos conquistadores do Brasil, o caso foi diferente, pois Portugal já era consideravelmente experiente nas expedições, no comércio com o Oriente e no tráfico de escravos de origem africana. A mão-de-obra indígena foi alvo de uma hecatombe demográfica, e as práticas de *descimentos* e as mais variadas formas de coerção não foram suficientes para suprir a demanda de *mãos* na América Lusa, levando ao fortalecimento do tráfico para o Brasil, uma vez que até meados do século XVI, a maior parte dos tumbeiros<sup>14</sup> seguia viagem rumo a outros destinos, como as Ilhas Atlânticas Portuguesas, a Nova Espanha e mesmo a Península Ibérica.

---

<sup>13</sup> A cultura Maya já se encontrava em decadência na época moderna. Acerca dessa civilização e de outras de origem mexicana, ver: LEON-PORTILLA. *Mesoamérica antes de 1519*. In: BETHELL, Leslie. (ORG). **Historia de América Latina**. Vol.1- América Latina Colonial, 1984.

<sup>14</sup> Ainda que subordinadas pela separação cultural da língua nos Navios Negreiros, o brasilianista Robert Slenes em um artigo pioneiro da década de 90 defendeu a tese da possível preservação das etnias africanas no sudeste brasileiro por meio de estratégias culturais, linguísticas e políticas ao desmentir a historiografia

E a presença negra no restante da América do Sul pode ser evidenciada a seguir:

Por lo tanto, no es sorprendente que la mano de obra de esclavos negros les pareciera a los españoles que ofrecía una respuesta natural a los problemas de La Española. El primer embarque de negros ladinos (de habla española) llegó a la isla en 1505; a éste le siguieron más consignaciones, hasta que Cisneros prohibió los embarques, debido a que la presencia de crecientes masas de ladinos provocaban graves desórdenes. Pero en 1518, después de su muerte y con la bendición de los Jerónimos, los cargamentos empezaron de nuevo bajo los auspicios de la corona, con Carlos V, concediendo licencia a un miembro de su casa de Borgoña para enviar 4.000 esclavos a las Indias en el curso de 8 años, quién rápidamente vendió su licencia a los genoveses. Un nuevo y lucrativo tipo de comercio transatlántico se empezó a crear, cuando el Viejo Mundo de África vino a compensar la balanza demográfica del Nuevo Mundo de América. (ELLIOT, 1990, p.140).

Aliás, ainda segundo Elliott (1990, p. 128):

El deseo de «ganar honra» y «valer más» era una ambición central en la sociedad de la Castilla medieval, basada en la conciencia del honor y los límites que imponía el rango. El honor y la riqueza se ganaban más fácilmente con la espada y merecían formalizarse en una concesión de status más alto por un soberano agradecido.

Mas também, à chegada dos primeiros conquistadores no Peru (Tahuantinsuyu), no México ou no Brasil – apesar da plasticidade dos portugueses -, estes, imbuídos do imaginário social do mundo europeu, esperavam encontrar estruturas sociais semelhantes às das sociedades onde haviam vivido anteriormente, oriunda da tradição da cultura medieval ocidental. Não obstante, tal fato não havia se concretizado, pois ao contato e ao *choque cultural* com a outra cultura, os conquistadores, vice-reis, donatários ou missionários espanhóis e portugueses, aperceberam-se que as práticas culturais indígenas eram muito distintas das existentes na Europa recém-moderna, apesar das diversas opiniões de juízo de moral em relação ao *outro*.

Evidentemente que a conotação ‘animalesca’, ‘selvagem’ e ‘pagã’, elaborada a partir das diferenças e do contato entre as duas culturas, a europeia e a indígena, apareceram como uma justificativa da Coroa Espanhola para a tentativa de colonizar o território recém conquistado, visto que se aliou com a terminologia de *guerra justa*<sup>15</sup>. É

---

clássica nacional e internacional. Por tal razão, ver: SLENES, Robert Wayne Andrew. *Malungu, Ngoma Vem!: África Coberta e Descoberta No Brasil*. REVISTA USP, São Paulo, v. 12, p. 48-67, 1992.

<sup>15</sup> De acordo com João Oliveira ‘a noção de “guerra justa” tem origens muito anteriores ao “achamento do” do Brasil, remontando à reconquista da Península Ibérica e às lutas entre cristãos e infiéis (mourous). (p.185). Ela foi utilizada com os índios do Brasil<sup>15</sup>. Logo, ver: OLIVEIRA, João Pacheco. *Os indígenas na fundação da colônia: uma abordagem crítica*. In: FRAGOSO, João. BICALHO, Maria Fernanda e GOUVEIA, Maria de Fátima. Prefácio de J.R. Russell Wood. **O Antigo Regime nos Trópicos: a dinâmica imperial portuguesa**, séculos XVI-XVIII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

interessante ainda ressaltar que, no caso do Brasil, ‘tomar índios como ‘‘cativos’’ era uma prática frequente, que ocorria tanto por terra, com as ‘‘tropas de resgate’’, quanto por via marítima e fluvial, através dos ‘‘saltos’’ (embarcações destinadas ao apressamento de indígenas.’<sup>16</sup> (Oliveira, 2001, p.186). O uso da *Guerra Justa* nas Américas significou também a atribuição espiritual, ao capturá-los, convertê-lo-ás a cultura cristã.

E acerca das diversas culturas indígenas do México e dos Andes, Elliot (1990, p. 144) denota:

En cualquier caso, se trataba de un mundo de infinita variedad, desde los densos asentamientos de poblaciones como en Mesoamérica y los Andes hasta los pueblos parcialmente sedentarios de la periferia de esas regiones, pasando por grupos de cazadores y recolectores como los que vagaban al norte de México y las llanuras argentinas. Entre algunos de estos pueblos, la tradición oral y el folklore mantenían viva la historia de la conquista. Entre unos, la memoria colectiva se extinguió junto con la propia gente y entre algunos otros, especialmente los aztecas y los mayas, que habían desarrollado sistemas de escritura, los episodios de la conquista se mantuvieron frescos en la canción y la poesía, bien porque fueran contados a los frailes quienes las pusieron por escrito, o porque las recogieron por escritos quienes, aunque no tenían experiencia de la conquista por sí mismos, lo hubieran aprendido de los miembros de la generación anterior.

Em consequência do que se foi mencionado anteriormente, se afirma também que um dos fatores que tornaram a Conquista e a Colonização favoráveis para os espanhóis, tanto no México (1518-1519) quanto no Peru<sup>17</sup> (1532), se deveu também à superioridade bélica, isto é, o uso da pólvora, da arma de fogo e das rebeliões indígenas acontecidas e que foram aproveitadas pelos espanhóis para promover ‘alianças’ ou ainda mais conflitos internos.

E em tal sentido, pelos ‘bens’<sup>18</sup> trazidos pelos espanhóis, estavam a tecnologia, o Cristianismo e os conquistadores letrados ou não-letrados para o empreendimento socioeconômico. Ademais, pensa-se que uma das interpretações que tiveram dos invasores, foi a de que eles eram deuses distintos para as comunidades indígenas e a Conquista evidenciava-se pela dicotomia da fantasia e da razão no imaginário social europeu, pelos olhares de espanto e fascinação ou de reconstrução de perfis

---

<sup>16</sup> OLIVEIRA, JOÃO PACHECO. Ibidem. (p.186).

<sup>17</sup> No que diz respeito aos Vice-Reinos do Peru, as batalhas e próprio conflito interno em relação a liderança de Cuzco sob os irmãos que disputavam o título de *Inca*, Huáscar e Atahualpa, facilitou a conquista do Peru por meio do aparecimento violento e surpreendente de Francisco Pizarro.

<sup>18</sup> O uso dos cavalos foi, de fato, ambivalente. Para algumas etnias indígenas, o desconhecimento por tal animal o aproximou da percepção religiosa, ora causando espanto, ora surpresa ao ponto de considerá-lo como uma figura espiritual ou dotada de religiosidade.

‘animalescos’, ‘sem alma’ e ‘pagãos’ representados a partir da figura de povos indígenas, como podemos ver ainda com Elliot (1990, p. 157):

La conquista de América, por lo tanto, resultó ser un proceso sumamente complejo en el que los soldados no siempre eran los que dominaban. Si al menos, al principio, fue una conquista militar, también poseyó desde sus primeras etapas, otras características que empezaron a predominar tan pronto como los soldados consiguieron lo que pudieron. Estaba acompañada por un movimiento que apuntaba hacia la conquista espiritual, por medio de la evangelización de los indios. A esto siguió una masiva emigración desde España que culminó en la conquista demográfica de las Indias. Posteriormente, a medida que el número creciente de españoles se establecieron, la conquista efectiva de la tierra y la mano de obra se puso en marcha. Pero los beneficios de esto fueron, sólo en parte, para los colonos, porque les pisaban los talones los burócratas, decididos a conquistar o reconquistar el Nuevo Mundo para la corona.

Já em termos comparativos, ao contrário da *América Lusa* e do México, no caso do Peru com o primeiro contato e já com a colonização em andamento, observa-se, à luz das fontes e da própria historiografia<sup>19</sup>, que várias estruturas sociais sobreviveram ainda que subordinadas ao trabalho compulsório e ao constante desentendimento do outro. Tal olhar (interpretado de diversos sentidos, usos e interesses) advindo de conquistadores, vice-reis<sup>20</sup>, religiosos e demais responsáveis da Coroa Espanhola em solo americano, imbuídos da cultura europeia, julgava as etnias indígenas a serviço da Espanha sem ao menos, em um momento inicial, interpretar e verificar as estruturas sociais indígenas e suas configurações político-sociais. Foram olhares etnocêntricos e de perfis colonialistas que estiveram nos patamares sociais mais altos das colônias.

Em razão disso, e em meio aos primeiros contatos e durante os primeiros duzentos anos de colonização, as doenças europeias apareceram, como a rubéola e o sarampo, levando a uma hecatombe demográfica gigantesca (passível de estudos mais completos), ao mesmo tempo em que ocorria a imposição da coerção física e compulsória em favor da Coroa Espanhola- representada por vice-reis, conquistadores e missionários religiosos (divididos em diversas ordens - como freis, dominicanos, curas, frades, padres, etc),

---

<sup>19</sup> No caso do Peru, ainda que subordinadas ao aparelhamento colonial, as estruturas andinas foram preservadas. Em caso específico, destacam-se a permanência de algumas línguas e até a perpetuação da *Mita* que foi utilizada a serviço do Estado espanhol.

<sup>20</sup> Cabe lembrar que já em andamento da colonização, conquistadores e vice-reis dividiram os índios em Encomiendas. A *Encomienda* consistiu na exploração de um grupo de indígenas por um colono espanhol sob o pretexto de protegê-los e cristianizá-los. O uso da *Mita* no Tahuantisuyu foi altamente readaptado.

<sup>20</sup> OLIVEIRA, João Pacheco. *Os indígenas na fundação da colônia: uma abordagem crítica*. In: FRAGOSO, João. BICALHO, Maria Fernanda e GOUVEIA, Maria de Fátima. Prefácio de J.R. Russell Wood. **O Antigo Regime nos Trópicos: a dinâmica imperial portuguesa**, séculos XVI-XVIII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

houve a criação da hierarquização dos personagens da época, como vice-reis, religiosos e conquistadores no patamar social de cima e de indígenas, negros e mestiços nos patamares de baixo, apesar das exceções, como a ascensão social de alguns *criollos*, mestiços e raros indígenas, convertidos ou não ao Cristianismo.

No caso do Brasil, como afirma João de Oliveira (2001, p. 179): A experiência portuguesa na América foi muito diversa da espanhola. Alusões a metais preciosos não se confirmaram ao longo de quase dois séculos. O objetivo que movia a colonização portuguesa no século XVI ‘não eram terras, mas o Império sobre o comércio marítimo’. A conquista de territórios, que foi um segundo momento na Índia e também no Brasil, era apenas um meio de assegurar a supremacia marítima, assim como metais preciosos poderiam vir a ser um facilitador<sup>21</sup>.

Igualmente interessante, é verificar a aversão à cultura do outro<sup>22</sup>, nos casos do Peru e do Brasil. Segundo Oliveira (2001, p. 209), quanto ao Brasil, ao passo que se denota: ‘a satanização das religiões, o horror à antropofagia e ao espírito guerreiro dos indígenas transparecem muito fortemente em ilustrações das crônicas publicadas desses missionários, assim como em viajantes de meados do século XVI’(...)

Já no que diz respeito à categoria de trabalho compulsório ao qual estes diferentes agrupamentos indígenas estavam obrigados a fazer parte enquanto personagens e ou sujeitos colonizados, utiliza-se as referências de Ida Lewkowicz<sup>23</sup>, Horário Gutiérrez e Manolo Florentino, autores do mesmo livro. Os historiadores tratam do caso do Brasil sob a presença da *América Lusa*, que pode se estender para a *América Espanhola* em termos conceituais:

No qual se inclui o conjunto das relações de trabalho cujo denominador comum foi reunir população induzida a trabalhar para terceiros, sofrendo coerção econômica e extra econômica, envolvendo violência e uso da força. (...). Ao longo do tempo, empregou-se trabalho compulsório visando a obtenção de produtos para o comércio internacional e para o consumo local, envolvendo milhões de trabalhadores. A grande maioria esteve submetida a trabalhos sofridos e humilhantes que significaram o afastamento da terra natal e da comunidade de origem, com deslocamentos para regiões distantes(...). (p.12).

---

<sup>21</sup> OLIVEIRA, João Pacheco. *Os indígenas na fundação da colônia: uma abordagem crítica*. In: FRAGOSO, João. BICALHO, Maria Fernanda e GOUVEIA, Maria de Fátima. Prefácio de J.R. Russell Wood. **O Antigo Regime nos Trópicos: a dinâmica imperial portuguesa, séculos XVI-XVIII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

<sup>22</sup> TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1982.

<sup>23</sup> LEWKOWICZ, Ida. **Trabalho compulsório e trabalho livre na história do Brasil**. São Paulo. Unesp, 2008.

A exemplo da Conquista Portuguesa, a Espanhola de fato foi violenta e compulsória, mas ela não suprimiu a história e as estruturas sociais indígenas que foram e ainda são reconstruídas pela historiografia e pela etno-história especializadas no assunto.

Assim sendo, um dos maiores exemplos de tais permanências advêm da crônica andina de Felipe Guaman Poma Ayala e dos escritos do Inca Garcilaso de la Vega, que não foram os únicos de uma colônia hierarquizada, pois Titu Cusi Yupanqui, Juan de Santacruz Pachacuti e Yamqui Salcamayhua, também escreveram sobre o que se passou<sup>24</sup>, ou foram citados secundariamente por outros escritores europeus. Entre os mestiços e pardos da América Lusa, destacam-se Manuel Sousa, Diogo Pinheiro Camarão, Manuel Gonçalves Dória e Bento Maciel Parente, respectivamente do Rio de Janeiro, de Pernambuco, da Bahia e do Maranhão.

Nesse sentido, com toda a explanação dada a Conquista e a Colonização, se percebe, sob dois exemplos, que Guaman Poma e o Inca Garcilaso, contemporâneos do período - a percepção da densidade histórica contida nas obras dos dois que são ricas e passíveis de interpretações, as quais evidenciam uma possível percepção da narrativa da colonização espanhola. Por isto, compreender os dois autores é também entender, sob duas perspectivas individualizadas, o fenômeno da colonização para entender a colonização espanhola e contrapô-la, no que possível, ao caso colonial português. Enfim, os dois autores apresentam percepções distintas e similares em alguns pontos, como se poderá, nos capítulos subsequentes da seguinte monografia.

---

<sup>24</sup> Rolena Adorno ressalta brevemente que o destaque dado a Guaman Poma em relação aos demais cronistas andinos se dá em relação a sua singularidade, ao detalhamento e aos comentários extensos do peso colonial em sua crônica. Decerto, o cronista andino nos convida para uma leitura densa e em que às vezes, 'não há remédio', consideração explícita à Invasão Colonial. (p.12)

## CAPÍTULO II: ‘Y NO HAY REMEDIO’<sup>25</sup> - A BREVE BIOGRAFIA DE GUAMAN POMA

Felipe Guaman Poma de Ayala<sup>26</sup>, mais conhecido por Guaman Poma, foi um cronista andino, oriundo de uma família ‘nobre’ local em que houve a existência de *quipucamaioc*<sup>27</sup>. Nasceu por volta de 1524 ou 1534 em San Cristóbal de Suntu, na província de Huamanga (Guamanga), conhecida hoje como Ayacucho. Filho de Martín Guaman Mallqui e Juana Chuquitanta (Cusi Oclo)<sup>28</sup>. O cronista andino é reconhecido tanto pela Historiografia americana quanto pela *Etno-História* peruana, em parte, por ter escrito uma possível versão dos valores de sua sociedade indígena com a junção da história do passado pré-colombiano e do início da Conquista e da colonização espanhola. Apesar também, de ser passível de crítica sob sua verdadeira posição ocupada na colônia espanhola e em relação à visão pessoal apresentada em relação aos *Incas*.

Além de tudo, o cronista pode ter finalizado ‘*El Primer Nueva Corónica y Buen Gobierno*<sup>29</sup>’ em 1614 e enviado uma *carta* a parte de 2 páginas ao rei Felipe III da Espanha para quem dedicou a mesma crônica em 1615-1616 perguntando-lhe se havia recebido a obra importantíssima, carregada de significado e tom de denúncia da sociedade colonial, apesar da proposta de conciliação proposta por ele mesmo. De sua morte não há exatidão, Guaman Poma pode ter falecido em 1616 ou até em 1632.

Desse modo, visto que por se caracterizar pela junção da oralidade e da escrita em uma narrativa elíptica – e por não seguir uma cronologia totalmente fechada, entre princípio, meio e fim -, Guaman Poma é ainda objeto de pesquisas pela história, etno-história e teoria literária por conta do grau de importância daquilo que ele produziu e transmitiu por meio de uma crônica andina. A crônica de cunho e origem indígena, é

---

<sup>25</sup> Sempre mencionado em ‘*Nueva Corónica y Buen Gobierno*’ - a expressão ‘*Y no hay remedio*’ na obra do autor, evidencia a descrença dele em relação as práticas de abuso e corrupção realizadas pela colonização espanhola. A expressão, a partir das várias imagens na obra, representa um amplo descontentamento e até desesperança por sua identidade e pela sua sociedade indígena andina.

<sup>26</sup> Os conceitos do Quéchua, presentes no nome do cronista, Guaman (*waman*) e Poma (*puma*) significam Falcão e Puma, nomes relacionados a deuses da terra e do céu.

<sup>27</sup> Embora ainda seja passível de estudos, os *quipos* são considerados um tipo de instrumento contábil e até de escrita anterior ao Tahuantinsuyu, marcada pela simbologia das cores e dos diversos formatos das cordas. Os quipocamaioc eram especializados em interpretá-los a serviço do Estado Inca. Logo, ver MURRA, J.V.: *Las Etnocategorías de un khipu Estatal*, : MURRA, J.V.: **El Mundo Andino – población, medio ambiente y economía**, Lima, Instituto de Estudios Peruanos, 2010.

<sup>28</sup> A mãe de Guaman Poma foi filha mais nova do décimo Inca Túpac Yupanqui. E o pai dele, Martín de Ayala, foi descendente dos Yarovilca.

<sup>29</sup> A obra localizada na Biblioteca Real da Dinamarca só chegou a ser conhecida em 1908 por Richard Pietschmann. Ela tem ao todo 1200 páginas com aproximadamente 397-400 desenhos feitos por Guaman Poma. Já, Paul Rivet publicou a obra e a tornou um pouco mais acessível em 1936.

especial, pois o total acesso ao letramento e conhecimento da cultura europeia por meio de indígenas ou mestiços, se fez pelas exceções e apareceu de maneira restritiva na colônia. É considerado também, uma espécie de etnógrafo andino. Além disso, se pode verificar o possível papel que ele ocupara já na presença da colonização espanhola: a de ‘tradutor’, apesar das discordâncias de alguns especialistas no assunto:

Y me e criado en palacio, en casa del buen gobi[e]rno y en la audiencia y e seruido a los señores bisorreys, oydores, prisedentes y alcaldes de corte y a los muy yllustres yn Cristos señoría obispos y a los yllustres comisarios. Y e tratado a los padres, corregidores, comenderos, becitadores, ciruiendo de lengua y conuersando, preguntando a los españoles pobres y a yndios pobres y a negros pobres<sup>30</sup>.

Como destacado acima, é ainda um tanto inadequado a aplicação a Guaman Poma do termo tradutor<sup>31</sup>. De seu título, ‘*Nueva Corónica e Buen Gobierno*’<sup>32</sup>, funciona como uma crítica ao clérigo Martín de Murúa (1525 ou 1540 - Madrid, 1617 ou 1618)<sup>33</sup> que obtivera título quase semelhante e com quem o autor andino não se relacionou bem. Logo, o título é uma crítica e ao mesmo tempo, uma espécie de tratado chave de um autor que escreveu uma crônica do ponto de vista indígena e não espanhol. Apesar ainda, da auto-cristianização do autor, ou o ponto de vista de que ela pode representar: uma crônica de memórias de cunho indígena e cristão, de cunho catequizador de um personagem indígena que se transformou com a colonização. Que incorporou a cultura europeia e utilizou-se da ressignificação para sua cultura de origem.

Ressalte-se o interesse da conciliação de ‘*Buen Gobierno*’ a partir da relação entre a Coroa Espanhola e os agrupamentos indígenas, dos quais Guaman Poma fazia parte originalmente de um deles. A primeira parte da obra: *Nueva Corónica*, foi escrita entre 1612 e 1613, e a segunda, o *Buen Gobierno*, entre 1613 e 1614.

---

<sup>30</sup> GUAMAN POMA-(701) -(715)

<sup>31</sup> A consideração dada a Guaman Poma como ‘tradutor’ soa inadequado do ponto de vista identitário. Segundo Rolena Adorno que não atribui o aspecto *ladino* ao autor, não houve esse intento, apesar de ele ter sido um dos meios entre a via de ‘tradução’ entre alguns espanhóis e indígenas. Portanto, a conotação, ‘tradutor’ equivale a uma via de relação a tradução ao espanhol, que por si só, é inadequada a Guaman Poma.

<sup>32</sup> A crônica do autor, foi dividida em duas partes, a primeira é a história do Tahuantinsuyu, com a presença cristã de Deus e a criação do mundo, à Conquista do Peru, até o início das guerras civis.

<sup>33</sup> Acerca da representação do clérigo Martín de Murúa. Ver a seguinte ilustração realizada por Guaman Poma que o crítica.: <http://www.kb.dk/permalink/2006/poma/661/es/text/?open=id3088802>.

Embora a origem indígena tenha sido ressaltada, Guaman Poma tornou-se cristão e se empenhou em demonstrar que o Cristianismo havia chegado aos Andes antes dos espanhóis, por meio da ideia de *auto-ressignificação*<sup>34</sup> das culturas andinas. Segundo ele, os *Incas* foram quem trouxeram as idolatrias pois aqueles conquistados a partir de Cuzco eram cristãos. Ressignificando as origens dos indígenas de acordo com a mitologia cristã, Guaman Poma divide a História nos Andes em ‘as idades do mundo’, isto é, as idades desde Adão e Eva a Jesus Cristo tendo os Andes como palco e por este meio demonstrando que os índios conheceram Jesus Cristo antes da invasão espanhola.

Ainda assim, com essa interpretação, trazida de Guaman Poma para sua crônica, é interessante pensar e ressaltar, que ele foi também participante ativo de alguns personagens religiosos catequizantes da colônia. No entanto, ainda que Guaman Poma tenha se transformado, a partir dos dogmas cristãos, ele não perdeu a cultura indígena própria e havia se tornado crítico da Igreja Católica, em razão das imposições de poder dos clérigos que subjugarão os índios do Tahuantinsuyu, e também dos conquistadores, corregedores e vice-reis da Coroa Espanhola que aparecem representados em sua obra perpetrando diversas formas de tortura moral e física contra os agrupamentos indígenas peruanos ou até contra negros escravos e alguns mestiços.

Segundo Rolena Adorno (1991), que atua no campo literário e é uma das maiores, se não a maior, especialista do cronista andino, Guaman Poma de forma explícita dirigiu a crônica ao rei Felipe III para que este concedesse autonomia aos índios, ainda que os indígenas do Vice-Reino do Peru, fossem subordinados ao rei enquanto ‘servos’ fiéis. Embora o Quéchua tenha sido sua língua materna, Guaman Poma se expressou na língua espanhola, usou termos de outras línguas indígenas e moldou a memória dos valores de sua sociedade, as particularidades dos cultos, a composição, o dia-a-dia e a transformação do Tahuantinsuyu sob o impacto da presença espanhola e ilustrou tudo isto acrescentando várias imagens ao longo de mais de 1000 páginas, escritas e desenhadas a mão.

Adorno ainda ressalta o poder das *Crônicas* enquanto gênero de escrita que, em termos gerais, tiveram na Era Moderna seu auge, pois elas foram escritas de maneira

---

<sup>34</sup> A auto ressignificação de Guaman Poma se deu de maneira aculturada e por muitas vezes autônoma, na medida em que este passou a se abrir à cultura espanhola para aprendê-la ou entendê-la a partir de suas diferenças e compará-la com sua identidade de origem. Em consequência disso, Guaman Poma realizou e transpôs conceitos da cultura do outro, adaptou-as e as pôs em comparação e dissemelhança em sua crônica, causando vários tipos de interpretação dos pesquisadores secundários que ainda tentam interpretá-lo enquanto agente histórico de um passado coercitivo colonial complexo.

alegórica por conquistadores ou religiosos, por personagens das colônias que passaram a olhar a cultura indígena e a descrevê-la a partir de diversos juízos morais pré-concebidos da cultura espanhola para entender a cultura indígena, isto é, a cultura do outro. E o acesso a tais crônicas se vinculou à Espanha de maneira difusa, ou, por muitas vezes restritivas.

Eram poucos, os que dominavam a escrita, mas eram tantos outros sujeitos ligados à Coroa a favor de receber as informações do *Novo Mundo*, ou já da América em constante crescimento, por meio da fundação de cidades, vilas ou campos de comércio; ainda enfatizando a importância das Crônicas no período, elas também tinham a capacidade de contarem uma história reduzida e com fundo moral que, legitimavam as filosofias da *guerra justa*. (Adorno, 1991 - p.12)

E contextualizando Guaman Poma no contexto difícil do Vice-Reino do Peru, enquanto colônia da Coroa Espanhola, é relevante saber como o autor havia aprendido a ler e a escrever. Assim, em uma das hipóteses, Cristobál de Albonoz, que foi um clérigo, pode ter ajudado o cronista em seu letramento na língua espanhola, pois ele possuía uma biblioteca no Peru e pode ter sido por aí que Guaman Poma aprendeu a ler e a escrever; o cronista andino até o representou em *Nueva Corónica y Buen Gobierno* em uma *visita*<sup>35</sup>.

Cabe ainda lembrar que papel e tinta eram caros na época colonial e Guaman Poma empenhou-se em reconstruir a memória e os valores de sua sociedade andina. E onde se pode fazer uma clara menção ao poder das ilustrações, ao poder evocativo e interpretativo que as diversas imagens causam ao longo da leitura de sua crônica que denota vários sentimentos, entre eles, o descontentamento dos agrupamentos indígenas que tiveram sua liberdade cerceada pelo trabalho compulsório. Indígenas, mestiços e escravos negros, obrigados a servirem aos *reis* como milhares de ‘servos’, coagidos a produzir bens e serviços para um rei distante, que jamais viram.

Guaman Poma atuou como um índio aberto às ideias ocidentais e se contrapôs ao mesmo tempo a elas. Sua escrita, portanto, é muito detalhista, com riqueza de ideias, conceitos, juízos morais expressos em Espanhol, Quéchuá, Aymará, etc. O cronista se preocupou, também, com o desaparecimento das etnias indígenas retratando todos os tipos de abusos sofridos por elas por meio do trabalho forçado e justificado pela doutrina

---

<sup>35</sup> As ‘visitas’ consistiram em norma obrigatória de vice-reis e missionários religiosos em prol do andamento tanto da evangelização dos índios, tanto para o trabalho produzido em minas, oficinas de tecelagem e demais locais.

cristã. Foi, de fato, uma percepção ambivalente em relação à sua cultura e a dos demais povos presentes na colônia. Logo, como se pode ver na citação a seguir, em uma viagem a Lima o cronista ressaltou com pesar o que viu como produto da transformação de sua sociedade pela colonização espanhola:

y así hubo de escribirla y trabajarlo la dicha Nueva Corónica y Buen Gobierno de este reino en servicio de Dios y de su Majestad y bien y aumento y conservación y multiplico de los dichos indios de este reino en servicio de Dios y la Corona Real de su Majestad; el dicho autor, habiendo entrado a la dicha ciudad de los Reyes de Lima vido atestado de indios ausentes y cimarrones hechos yanaconas, oficiales, siendo mitayos, indios bajos, y tributarios se ponían cuello y se vestía como español, y se ponía espada, y otros se trasquilaban por no pagar tributo, ni servir en las minas; veis aquí el mundo al revés y así como ven estos indios ausentes se salen otros indios de sus pueblos y no hay quién pague el tributo, ni hay quién sirva en las dichas minas; y asimismo vido el dicho autor muy muchas indias putas, cargadas de mesticillos y de mulatos, todos con faldellines y botines, escofietas, aunque son casadas andan con españoles y negros, y ansí otras no se quieren casarse con indio ni quiere salir de la dicha ciudad por no dejar la putería; y están llenos de indios en las dichas rancherías de la dicha ciudad, y no hay remedio. (POMA DE AYALA). [1128;1138].

Tal passagem indica a percepção das transformações causadas pela colonização, bem como a existência da Mita e da Escravidão de agrupamentos indígenas, de mestiços e de mulatos, condenados por Guaman Poma do ponto de vista identitário já que este pensava na autonomia da República de índios, subordinada direta e indiretamente ao rei espanhol. E Adorno afirma a respeito de Guaman Poma que:

oponiéndose al gobierno directo de los extranjeros, Guaman Poma abogaba por la restitución de las tierras y por el retorno a la forma de gobierno tradicional andina. Puesto que su pertinencia a la nobleza incaica venía por línea materna, prefería fundamentar su pretensión a la aristocracia basándose en su linaje paterno, el Yarovilva Huanoco<sup>36</sup>.

Finalmente, a expressão ‘y no hay remedio’ poderia ser vencida, de acordo com Felipe Guman de Ayala, pela força de sua crônica. E de fato, ela é um relato poderosíssimo de um verdadeiro *qillqaq*.

---

<sup>36</sup> ADORNO, Rolena. Guaman Poma. **Literatura de resistencia en el Perú colonial**. México: Siglo veintiuno editores, s.a., 1991. (p.13)

## CAPÍTULO III: EL INCA GARCILASO DE LA VEGA- ENTRE DOIS MUNDOS

### I- Vida e obra do Inca Garcilaso

Inca Garcilaso de la Vega (1539-1616) que é o foco do terceiro capítulo, foi um personagem da primeira geração de mestiços da América Espanhola<sup>37</sup> e é o principal representante de tal categoria social da colônia ao ponto de ter feito parte das duas identidades, a indígena e a espanhola, o que justifica o título do capítulo terceiro. Sem dúvida, o escritor representa um sujeito consideravelmente reconhecido pela historiografia nacional e peruana, ao ponto de ser entendido como um dos primeiros historiadores e escritores do Peru colonial da Era Moderna, por conta de sua identidade mestiça.

O Inca Garcilaso nasceu no dia 12 de abril de 1539, em Cuzco. Era filho da princesa Isabel Chimpu Ocllo (? /1571) - uma indígena que foi sobrinha de Huayna Cápac, o último Inca do Tahuantinsuyu. Diferentemente de outros mestiços da colônia, ele pertencia à nobreza andina. O pai foi o capitão Sebastian Garcilaso de la Vega (1500-1559) conquistador, membro da expedição de Pizarro como artilheiro, de quem recebeu algumas terras como mercê. Faleceu ainda na primeira infância do Inca Garcilaso, caindo em desgraça em razão de supostamente haver apoiado a rebelião dos conquistadores do Peru contra a pretensão da Coroa de fazer valer as *Leyes Nuevas*<sup>38</sup>.

Sebastian Garcilaso casou-se com a espanhola Luisa Martel de los Ríos somente para manter o protocolo espanhol e Isabel Chimpu Ocllo casou-se com Juan del Pedroche, um espanhol. Ainda que muito triste com o pai por não se ter casado com a mãe, aos 20 anos ele foi à Espanha, em uma longa e conturbada viagem, para requerer a herança e mercês de direito do pai, e também a restituição patrimonial da mãe, Chimpu Ocllo, cujos bens quais haviam sido confiscados como punição pelo levante contra as *Leyes Nuevas*.

---

<sup>37</sup> Acerca dos primeiros anos da Conquista e sobre o aparelhamento da Colonização Espanhola na América do século XVI, ver: THOMAS, H.: **El Imperio Español de Carlos V**, Buenos Aires, Planeta, 2011.

<sup>38</sup> As 'Leyes Nuevas', promulgadas pelo rei Carlos V em 1542, aboliu a *Encomienda* e só começaram a ser discutidas pelo empenho de Bartolomé de Las Casas que passou a enxergar as práticas de abusos contra os indígenas.

Permaneceu na Espanha com a ajuda de seu tio paterno, Alonso Vargas (-/ 1570), até a morte, em Córdoba, em 23 de abril de 1616.

No período em que permaneceu na Espanha, trocou de nome. Antes conhecido por Gómez Suárez de Figueroa e depois, definitivamente, por Inca Garcilaso de la Vega, carregando a herança dos dois mundos e a capacidade de testemunhar o que conheceu nos Andes, até os vinte anos de idade, quando embarcou definitivamente para a Espanha. Lutou na Espanha e Itália, até que por volta de 1591 instalou-se definitivamente em Córdoba:

después de haber dado muchas trazas y tomado muchos caminos para entrar a dar cuenta del origen y principio de los Incas Reyes naturales que fueron del Perú, me pareció que la mejor traza y el camino más fácil y llano era contar lo que en mi niñeses oí muchas veces a mi madre y a sus hermanos y tíos y a otros sus mayores acerca de este origen y principio, porque todo lo que por otras vías se dice de él viene a reducirse en lo mismo que nosotros diremos, y será mejor que se sepa por las propias palabras que los Incas lo cuentan que no por las de otros autores extraños. (*Comentarios Reales*- capítulo XV, p. 46).

Na Espanha, Inca Garcilaso se abriu ao mundo das Letras a partir de 1586, estudando em Sevilha, Córdoba e Montilha, onde ele aprendeu e conheceu os clássicos da época Moderna, além de ter conhecido autores contemporâneos da colônia, pois passou a vida a acompanhá-los teoricamente, ora criticando-os, ora elogiando-os em suas obras<sup>39</sup>. Traduziu, ainda, textos do italiano e escreveu obras que remontavam ao recente passado colonial e ao seu próprio presente enquanto participante direto e indireto. Abraçou também o cristianismo e tornou-se erudito.

A vida do Inca Garcilaso é normalmente dividida em duas fases. A fase inicial do nascimento aos 20 anos, em que permaneceu no Peru ao lado de sua mãe e indígenas anciãos com quem pode ouvir as mais longas histórias milenares e da realeza indígena até os embates políticos entre Huáscar e Atahualpa. E por onde ele começou a ser alfabetizado com outros poucos mestiços ilegítimos. E a segunda fase, na Espanha, na qual pôde transcender a esfera *mestiça* com um novo tipo de estamento social. Como o pai, nesta segunda etapa, o personagem lutou na artilharia espanhola e em outras armas. Entretanto, logo depois, desistiu<sup>40</sup>.

---

<sup>39</sup> Entre suas obras, há a tradução de *Diálogos de Amor* (1590) de León Hebreo; *La Florida del Inca* que foi feita a partir das informações de Gonzalo Silvestre ao Inca Garcilaso, sobre as viagens e conquistas de Hernando de Soto a Flórida (1605); *Comentarios Reales de Los Incas* (1609), dividido em duas partes e *Historia General del Perú* que na verdade, é entendida como a segunda parte de *Comentarios Reales*, publicado postumamente. (1617).

<sup>40</sup> O Inca Garcilaso, logo após viajar à Espanha, lutou em algumas artilharias espanholas. No entanto, ao contato com alguns religiosos espanhóis, preferiu se dedicar ao mundo das Letras e à cultura erudita europeia, onde passou o restante da vida, lendo e escrevendo e tendo contato com as notícias e histórias do Peru.

O gosto pessoal pela cultura cristã e o letramento na cultura renascentista tomaram peso maior. E de fato, o Inca Garcilaso havia se transformado e se readaptado a um novo *modus operandi* cultural. Ele estava inserido em um novo campo de categoria estamental, apesar de inseguro pela desconfiança de alguns colonos e de funcionários da Coroa contra os mestiços, sobre quem pesavam juízos de valor desfavoráveis aos ancestrais em razão dos preconceitos cristãos da época. Ou até, pelo receio da pureza de sangue<sup>41</sup>.

Entre as obras de Inca Garcilaso de la Vega destacam-se os *Comentarios Reales de los Incas*<sup>42</sup> (1609) dividido em duas partes, por meio de suas recordações de infância e do presente que vivia; *La Florida* (1605) com os feitos de conquista de Hernando de Soto na Flórida, *Los Diálogos de Amor* (1590) traduzido do italiano, entre outros escritos menores. Ademais, é interessante de se pensar que a obra do Inca Garcilaso estabelece as fronteiras entre História e Literatura, ao ponto de suas obras serem consideradas interpretadas como gênero de *romance* a partir da segunda metade do século XX. O escritor, é sem dúvida, a construção de um ponto de vista ‘mestiço e nobre’ por parte de Chimpu Ocllo e Sebastián Garcilaso como responsáveis por sua origem, a indígena e a espanhola.

Apenas para ilustrar, o ponto de vista do Inca Garcilaso pareceu diferente em relação a posição de Huáscar e de Atahualpa, primos de sua mãe Chimpu Ocllo, e rivais antes da invasão do Tahuantinsuyu por Pizarro em 1532. Cabe lembrar ainda, que o autor havia se convertido ao cristianismo e tal posição influenciou em sua forma de interpretação da cultura andina e espanhola, ainda que tenha atuado pela ambivalência, ora enaltecendo a cultura indígena e espanhola, ora contestando-as.

Desse modo, a história do Inca Garcilaso ultrapassa várias fronteiras, até chegar à ideia identitária da permanência entre os dois mundos:

Numa época em que as sociedades europeias eram de tipo corporativo, os mestiços do Novo Mundo, nem índios, nem espanhóis, pertenciam a uma nação precisa e que se revelavam, por esse motivo, inclassificáveis; ainda por cima, quando se vestiam à

---

<sup>41</sup> A respeito das legislações feitas às Américas Mestiças no que diz respeito ao problema moral cristão da ‘mistura de sangue’, ver: IVO, Isnara Pereira. (Orgs.) **Escravidão, Mestiçagem e Histórias Comparadas**. São Paulo/Belo Horizonte: Annablume/PPGH-UFGM, 2008.

<sup>42</sup> A primeira parte de *Comentarios Reales* trata dos costumes e tradições da sociedade andina pré-hispânica e da genealogia dos indígenas reais inspiradas nas lembranças das histórias contadas pela mãe e pelos parentes maternos sobre as origens dos Incas. Já a segunda parte, que tem por título: *Historia General del Perú*, trata do momento das Conquistas, das Guerras Cívicas que antecederam imediatamente a chegada dos espanhóis e da colonização espanhola como um todo a partir dos vice-reinados, como uma resposta ao mundo espanhol de origem do pai. Ademais, cabe ressaltar que obra serviu de inspiração para a revolta de Tupac Amaru II, em 1780, sendo proibida de ser publicada até a Independência.

peruana, confundiam-se com os índios. Estes, entretanto, percebiam os mestiços mais como os espanhóis. Gómez Suárez lembrava-se do dia em que importunara seu tio perguntando-lhe por que o Império Inca ruíra tão rapidamente. O irmão de sua mãe lembrou-lhe que os oráculos dos antigos- todavia errôneos- que tinham atribuído uma natureza divina aos espanhóis eram mais poderosos que as armas de “seu pai” o capitão e de seus companheiros. O adolescente conservava ainda na memória os comentários desdenhosos de seu tio que, quando falava dos espanhóis, não deixava de dizer “teus parentes”. (p.52-53)<sup>43</sup>.

Com relação ao mundo andino, o autor teve a oportunidade de pertencer a uma família por parte de mãe que manteve laços com a patente superior andina (*Hanan*). Desde as histórias da infância, as conversas com os vários personagens das comunidades indígenas, até a troca de mundo ao ir à Espanha. No caso andino, é interessante verificar a separação genealógica feita pelo autor ao afirmar aproximadamente quando havia chegado o cristianismo aos Andes, ademais de tocar em pontos, como o da idolatria que para ele não era tão importante no caso dos Incas.

Há uma clara menção de Garcilaso aos índios antes e depois dos Incas. Antes, eles eram em sua maioria politeístas, sem vestimentas ou com poucos lugares permanentes para viver, pois viviam mais em covas ou casas não permanentes. Já depois dos Incas, a concepção foi um pouco mais distinta na medida em que desde Manco Capac e Mama Oello, o monoteísmo, ou seja, o culto ao deus sol, a civilização e a urbanidade foram muito importantes, além de fundarem Cuzco. Em relação ao Sol, Garcilaso afirmou que eles tinham o mesmo deus, ou concepção de deus que os espanhóis e em relação à colonização, para ele, ela foi importante para a evangelização andina, talvez em uma medida *teleológica*, apesar das críticas. E como bem afirma Mercedes Serna<sup>44</sup> (2012, p. 112),

El proyecto político del Inca es conseguir la paz entre españoles e indios, a través de un pacto por el que los primeros extiendan el cristianismo y los incas puedan restituir su imperio. Dicho proyecto político precisaba de dos móviles: el primero guarda relación con las fantasmagóricas (por inexistentes) capitulaciones que ocupan buena parte de la Historia general del Perú, un pacto entre españoles e indios que también se encuentra en las crónicas de Guaman Poma de Ayala o de Juan Anello Oliva; y el segundo móvil, con el rechazo de Garcilaso de las ideas lascasianas y de las Leyes Nuevas.

---

<sup>43</sup> BERNAND, Carmen. **História do Novo Mundo 2: as mestiçagens**. São Paulo. Editoria de São Paulo, 2006.

<sup>44</sup> SERNA, MERCEDES Arnaiz. *La política colonial en las obras del Inca Garcilaso de la Vega y de Guaman Poma de Ayala*. In: **Anales de Literatura Hispanoamericana** ISSN: 0210-4547 2012, vol. 41 99-120.

## II- O ESTATUTO DA LIMPEZA DE SANGUE- A MISTIÇAGEM OU MULATICE NOS CASOS DA AMÉRICA ESPANHOLA E DA AMÉRICA PORTUGUESA

O presente sub-tópico aborda algumas contribuições sobre as legislações feitas a partir da condição de mulato, mestiço ou *criollo* na *América Espanhola* e na *América Portuguesa*. Além disto demonstra a perspectiva comparativa entre o caso português e espanhol, na presença do Inca Garcilaso enquanto mestiço e de demais personagens colonizados que carregaram tal identidade de diferenciação nas colônias.

Conforme trabalhado por João Fragoso<sup>45</sup>, Maria Fernanda Bicalho e Fátima Gouvêa (2001), com diferentes contribuições de autores especializados na *América Portuguesa*, a elite portuguesa foi de fato beneficiada por privilégios característicos do *Antigo Regime*, como as mercês e as relações colono/colonizado pelos quais os europeus portugueses, negros escravizados, indígenas e cristãos novos fizeram a colonização dos séculos XVI a XIX.

A elite portuguesa, desde a *Conquista do Brasil* no período quinhentista, havia ascendido ao poder e entre os mestiços, negros, mulatos, pardos ou indígenas, foram poucos os casos dos que subiram de patamar por questões jurídicas e ou morais estabelecidas ainda no século XVI. Já em andamento a colonização, várias normas foram criadas para controlar a ascensão social ou até a rebelião colonial. Isso variou muito ao longo do período colonial luso. Os seguintes dados caracterizam as normas da *limpeza de sangue* pelas quais a Elite Portuguesa se precaveu contra a ascensão de personagens colonizados, como os negros e mulatos ou até de indígenas.

A Conquista do Brasil feita pelos portugueses se iniciou pelo Litoral, com Salvador como capital. “ Nos engenhos baianos, a escravidão, o trabalho dos índios das aldeias jesuíticas, o escambo e o assalariamento existiam simultaneamente. (Garcia, 2014, p.329)<sup>46</sup>. Segundo Hebe Mattos (2001, p. 149), desde o início da colonização lusa houve uma grande preocupação em relação à posição dos estamentos sociais da colônia portuguesa:

---

<sup>45</sup> FRAGOSO, João. BICALHO, Maria Fernanda e GOUVEIA, Maria de Fátima. Prefácio de J.R. Russell Wood. **O Antigo Regime nos Trópicos: a dinâmica imperial portuguesa**, séculos XVI-XVIII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

<sup>46</sup> GARCIA, Elisa Frühauf. *Troca, guerras e alianças na formação da sociedade colonial*. FRAGOSO, João. GOUVEIA, Maria de Fátima. **O Brasil Colonial, volume 2**. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.. (p. 329).

Desde pelo menos o século XV, além das restrições aos que se dedicavam aos chamados ofícios mecânicos, o *conceito de limpeza de sangue* determinaria diferenciações no seio do povo e limitaria a expansão da nobreza, oferecendo restrições diversas a descendentes de judeus, mouros ou ciganos. (p.144-145). E continua ao constatar: o estatuto de pureza de sangue, apesar de sua base religiosa, construía, sem dúvida, uma estigmatização baseada na ascendência, de caráter proto-racial, que, entretanto, não era usada para justificar a escravidão, mas antes para garantir os privilégios e a honra da nobreza, formada por cristãos-velhos, no mundo dos homens livres<sup>47</sup>.

Isso também pôde ser visto na América Espanhola<sup>48</sup> em que Larissa Viana aponta para estatutos que promoviam a separação entre os componentes sociais da colônia, discriminando os mestiços, os indígenas e os *criollos* (sujeitos igualmente importantes para as Guerras de Independência no século XIX).

O estrato social principal incluía os peninsulares, os criollos (filhos de peninsulares nascidos na colônia e) e os mestiços legítimos (das uniões entre colonos europeus e índias). Os indígenas eram considerados vassalos livres e súditos da Coroa desde o século XVI, liberdade na prática restrita pelas obrigações em tributos e trabalho compulsório por eles devido, além de inúmeras restrições que os tornavam em princípio inaptos para o serviço militar, o emprego de armas e a conclusão de contatos legais. Entre outras limitações. (Viana, 2007, p.66).

Já a América Portuguesa, ainda citada por Viana (2007, p. 74), o contexto não foi distinto do dos espanhóis: A América portuguesa integrava, com suas especificidades, os quadros da crescente preocupação com os controles das populações mestiças. No contexto colonial português, os estatutos de “limpeza de sangue” incorporaram o “sangue mulato” como estigma, motivados pela questão de definição do status social dos mestiços, acima referida. O fato de ter “parte do mulato” era em princípio um impedimento nos acessos aos chamados cargos honrosos, e, localmente, as restrições aos mulatos no século XVII apareciam nos regimentos das instituições mais prestigiadas, como era o caso das Misericórdias, ordens militares e ordens religiosas. A ascensão social dos mestiços era o que idealmente se pretendia regular naquele contexto.

Assim sendo, houve um grande esforço em manter a legislação colonial em vigor e o intento por separar os agrupamentos sociais da colônia. Salvo pelas exceções, como aponta Ronald Raminelli<sup>49</sup> nos seguintes dados em que aponta as mercês e o direito de

---

<sup>47</sup> MATTOS, Hebe. In: *A escravidão moderna nos quadros do Império Português: O Antigo Regime em perspectiva atlântica*. FRAGOSO, João. BICALHO, Maria Fernanda e GOUVEIA, Maria de Fátima. Prefácio de J.R. Russell-Wood. **O Antigo Regime nos Trópicos: a dinâmica imperial portuguesa, séculos XVI-XVIII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001

<sup>48</sup> VIANA, Larissa. **O idioma da mestiçagem: as irmandades de pardos na América Portuguesa**. Campinas, SP. Editora Unicamp, 2007.

<sup>49</sup> Ver: Da controversa nobilitação de índios e pretos, 1630-1730 in: FRAGOSO, João. GOUVEIA, Maria de Fátima. **O Brasil Colonial, volume 2**. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

alguns indígenas de estudar na Europa ou de outros pardos em receber a *Hábito de Santiago*- honraria militar, da ordem de Cristo, Santiago ou Avis. Raminelli declara que:

Os índios e negros, ao combater os neerlandeses, ansiavam por honras e distinções. Esses guerreiros talvez recorressem a essa estratégia de ascensão social para disputar, com os lusos, honras e postos de prestígio; ou apenas quisessem preservar ou reforçar seus poderes como chefes de tropas indígenas ou pretas. (Raminelli, 2014, p.505).

(...) A mercê sugeria ainda que, longe de Lisboa, o rigor da habilitação era atenuado para premiar a valentia de guerreiros de sangue impuro” (Raminelli, 2014, p.503). Enfatiza também que: assim, por pressupor limpeza de sangue e viver do modo da nobreza, o título de cavaleiro era, seguramente, uma dádiva mais honrosa do que as patentes. (Raminelli, 2014, p.508).

Mas tal direito serviu também de à coroa lusa pelas alianças com alguns chefes indígenas de grupos rivais e outras poucas lideranças mestiças/ pardas. Entre os mestiços e pardos da Coroa Lusa, destacam-se Manuel Sousa, Diogo Pinheiro Camarão, Manuel Gonçalves Dória e Bento Maciel Parente, respectivamente do Rio de Janeiro, de Pernambuco, da Bahia e do Maranhão. Na América Espanhola, temos Felipe Guaman Poma de Ayala, o Inca Garcilaso, Titu Cusi Yupanqui, Juan de Santacruz Pachacuti e Yamqui Salcamayhua que também ascenderam relativamente, além de vários *kuracas* (chefes indígenas do Tahuantinsuyu).

Portanto, foi evidente que no mundo colonial da *América Lusa* e da *América Espanhola*, tais sujeitos evidenciaram que eram exceções: cronistas, pensadores, trabalhadores da *mita*, indígenas, escravos, mulheres e mestiços foram detentores de sua própria história, apesar da própria subalternidade causada pelo status colonial.

## CAPÍTULO IV: QILLQAQKUNA PIRUWMANTA: GUAMAN POMA E O INCA GARCILASO

O quinto capítulo, que dá nome à monografia, compara a vida e obra de Felipe Guaman Poma com a do Inca Garcilaso de la Vega, com ênfase no quesito da mestiçagem, na questão indígena e nas opiniões construídas a respeito da colonização espanhola no século XVI, do que os autores foram contemporâneos e formularam opiniões próprias.

No caso de Guaman Poma, através de '*Nueva Corónica y Buen Gobierno*' o cronista andino demonstrou pela 'dor' os abusos de poder, os maus-tratos e a violência constante, sempre repetindo a expressão '*y no hay remedio*'. Sobre sua cultura andina, ele entende que antes da geração dos Incas, se passaram quatro idades nos Andes. Haveria uma concepção cristã de Deus e não estaria presente a Idolatria, a qual o autor atribui pesadamente aos Incas. E sobre tais idolatrias, Rocío Quispe<sup>50</sup> afirma que Guaman Poma atribuiu a queda do Império Inca a eles próprios, por serem pagãos. Logo, uma opinião negativa que ele tivera em relação a sua cultura de origem.

Ademais, logo abaixo, ele corrobora com tal prognóstico, ao ponto de autodeclarar-se vassalo do rei Felipe III e justificar a possível hipótese de o porquê ter escrito tal crônica:

Me determiné de escribir la historia y desendencia y los famosos hechos de los primeros reyes y señores y capitanes nuestros aguelos y des principales y vida de índios y sus generaciones y desendencia desde el primero yndio llamdo Uari. (...) escogi lengua y fracis castellana, aymara, colla, puquina conde, yunga, quíchua ynga, uanca, chinchasuyu, yauyo, qodesuyo, collasuyu, cañri, cayanmpi. Quito. (...) Su humilde bazallo, don Felipe de Ayala (autor). Provincia de Lucanas<sup>51</sup>, 1613. (p.8).

E em relação às passagens das páginas subsequentes de sua crônica, é evidente que Guaman Poma, auto-intitulado *señor* ou príncipe, recorre à cultura clássica moderna, ao citar de maneira anacrônica, nomes, tais como Aristóteles, Pompeu, Júlio Cesar, Marcos e Flávio.

Evidentemente, por volta dos 10 anos, o cronista foi iniciado à cultura europeia e absorveu do cristianismo, um hibridismo cultural, ao ponto de readaptá-lo e o ressignificá-lo a sua cultura indígena 'nobre'. Sobre a colonização, a crítica a tal regime

---

<sup>50</sup>QUISPE AGNOLI, Rocío. *La fe andina en la escritura resistencia e identidad en la obra de Guaman Poma de Ayala*. Lima: Fondo editorial de la Universidad Nacional Mayor de San Marco.2008. p. 1163-1184.

<sup>51</sup> GUAMAN POMA, Felipe. <http://www.kb.dk/permalink/2006/poma/8/es/text/?open=id3083606>

político foi feita às pessoas que se corromperam, pelas práticas de abuso dos religiosos, e soldados. Ou do comportamento de criollos<sup>52</sup>, negros e mulheres – no caso delas, apenas para mencionar, o autor as condena por manter relações afetivas em troca de *limosnas* ou por qualquer outro motivo para os criollos, os negros ou espanhóis.

Já no caso dos corregedores, religiosos<sup>53</sup> e conquistadores, Guaman Poma teceu críticas explícitas às práticas de abuso para a realização da *Mita* ou outros trabalhos manuais – como a tecelagem- até em relação às práticas de doutrinação, onde os indígenas eram convertidos desde as primeiras idades da infância, incorporando ou não, fielmente a cultura do *outro, do eu espanhol*.

Em adição, o documento monumental de Guaman Poma não é uma fonte factual e sim uma versão andina da Conquista e da Colonização. Ela é ainda passível de muitas interpretações e críticas pelos estudos secundários. E é evidente que o andino propõe um modo de governo no qual estaria inclusa a sociedade colonial, apesar das denúncias por ele feitas contra os abusos e hierarquias descritos na crônica. Ele, de fato, propôs uma espécie de república de índios, sob a permanência do rei. Onde a mestiçagem seria um empecilho e uma forma de destruição da cultura indígena. Enfim, dessa forma, a ideia do '*Buen Gobierno*' ao qual deu título a obra.

Já em idade avançada do autor, os estudiosos da biografia de Guaman Poma afirmam que ele dedicou o restante da vida a transitar nas várias regiões do Peru. Sem muito do que se sustentar, acreditou que poderia entregar a crônica ao rei da Espanha e peregrinou o quanto pôde<sup>54</sup>, até falecer. Depois disso, a crônica do autor transitou tanto e apenas no século XX, surpreendentemente, a obra do andino foi encontrada na Dinamarca e publicada. Hoje ela apresenta várias interpretações secundárias e a certeza de que a versão andina apresentou a sua representação da origem dos Pré-Incas, Incas, a Conquista e a colonização espanhola nos Andes.

Em *Comentários Reales* do Inca Garcilaso, é evidente a ênfase dada aos feitos históricos da cultura indígena pelas recordações da origem da qual fez parte, pelas

---

<sup>52</sup> Ver Ilustração: <http://www.kb.dk/permalink/2006/poma/723/es/text/?open=id3089244> ‘‘COMO LOS CRIOLLOS negros hurtan plata de sus amos para enganar a las yndias putas, y las negras criollas hurtan para servir a sus galanes españoles y negros.’’ 709 [723]

<sup>53</sup> Ver Ilustração: <http://www.kb.dk/permalink/2006/poma/578/es/text/?open=id3088802> ‘‘Q[VE] HAZE TEGER ROpa por fuerza a las yndias, deciendo y amenazando questao amanzibada y le da de palos y no le paga.’’ 564 [578]’

<sup>54</sup> Ver ilustração em anexo 1, em anexo.

histórias escutadas, aos eventos de ordem política que são citados na obra. O mestiço sabia dos estereótipos e ideias construídas pelos escritores europeus e se contrapôs a eles, pois pelo fato de ter sido agraciado com a cultura indígena no sangue, ele teria uma das possíveis versões para se escrever e falar do que se passou nos Andes e, no caso particular dos Incas.

Logo abaixo, é evidente, a erudição do Inca Garcilaso, ao ponto de tecer críticas sobre a fidedignidade histórica do que era veiculado na colônia e na Espanha:

Algunos españoles curiosos quieren decir, oyendo estos cuentos, que aquellos indios tuvieron noticia de la historia de Noé, de sus tres hijos, mujer y nueras, que fueron cuatro hombres y cuatro mujeres que Dios reservó del diluvio, que son los que dicen en la fábula, y que por la ventana del Arca de Noé dijeron los indios la de Paucartampu, y que el hombre poderoso que la primera fábula dice que se apareció en Tiahuanacu, que dicen repartió el mundo en aquellos cuatro hombres, quieren los curiosos que sea Dios, que mandó a Noé y a sus tres hijos que poblasen el mundo. Otros pasos de la una fábula y de la otra quieren semejar a los de la Santa Historia, que les parece que se semejan. Yo no me entremeto en cosas tan hondas; digo llanamente las fábulas historiales que en mis niñeces oí a los míos; tómelas cada uno como quisiere y déles la alegoría que más le cuadrare. (Inca Garcilaso, p.44)<sup>55</sup>

E ao que diz respeito ao Inca Garcilaso de la Vega, o mestiço havia estudado em uma escola nobre de índios e fez parte da primeira geração de mestiços de Cuzco. E na Espanha ele conheceu alguns religiosos que liam o que ele escrevia. Na biografia do autor, apontam que ele havia tido um filho, mas que renegou tal paternidade. Ainda assim, no testamento do autor, consta o pedido para que o filho pudesse cuidar do que ele escreveu. Tal informação, enfrenta ainda desconfianças.

Acerca dos dois autores:

Para Garcilaso, son los incas los que realizan una función mesiánica y civilizadora; para Guaman son los Uari Uaricocha runas los civilizados. Dichos antepasados preincaicos fueron monoteístas, precristianos y sólo la idolatría de los incas hizo que se abandonara el conocimiento de Dios por las huacas o deidades telúricas. De ahí la justificación teleológica de la llegada de los españoles, necesaria para la restauración de la fe en el Perú. No obstante, los abusos cometidos por los españoles que niegan el cristianismo harán que Guaman proponga un retorno a la edad de oro del tiempo primordial andino, monoteísta, precristiano y civilizador. Para Garcilaso, por el contrario, los incas, monoteístas y prefiguradores del cristianismo, allanarán el camino a los españoles, quienes serán los encargados de completar la tarea civilizadora <sup>56</sup>(SERNA, 2012, p.117-118)

---

<sup>55</sup> INCA GARCILASO. Capítulo XVIII: *De fábulas historiales del origen de los Incas*. **Comentarios Reales**.

<sup>56</sup> SERNA ARNAIZ, Mercedes. La política colonial en las obras del Inca Garcilaso de la Vega y de Guaman Poma de Ayala. **Anales de Literatura Hispanoamericana**. 2012, vol. 41; 99-120

E mais ainda ao passo que Mercedes Serna atribui ao mestiço Inca Garcilaso:

Escribió sus Comentarios rebatendo los argumentos toledistas, en concreto la legitimidade de los reyes incas y la cuestión religiosa. Para ello, nuestro autor, por un lado, assigna a los incas un papel similar al de los españoles al hacerles prefiguradores del cristianismo. De esta manera, gracias a la labor de los incas, los españoles encontraron un imperio preparado para el advenimiento del cristianismo. (SERNA, 2012, p.7).

Para o fim do capítulo, Ronald Raminelli<sup>57</sup> deixa claro que aos dois autores do século XVII:

O contraste entre a visão da conquista de Garcilaso e a de Guaman Poma é inevitável. Ambos coincidem na defesa do cristianismo, mas se distanciam no momento de avaliar as intervenções espanholas no Novo Mundo. Para o primeiro a exploração dos ameríndios não é novidade, pois sabia que desde os primeiros incas, a nobreza se valia de sua superioridade militar e política para receber os serviços e os tributos dos mais pobres. Visão diversa era de Guaman Poma, o peregrino dos Andes. (RAMINELLI, 2013, p.129).

Por fim, é evidente que a vida e obra do cronista Felipe Guaman Poma de Ayala e do Inca Garcilaso de la Vega, foram singulares e complexas na Era Moderna. Ambos pensaram distintamente, ou às vezes, em comum acordo, como no caso e importância do status cristão que serviria de uso para a vida das sociedades de origem, a indígena, ou a indígena e espanhola. Ainda assim, tais autores ainda servem de base de discussão para os pesquisadores e especialistas da América Espanhola, ao qual eles dois fizeram parte. As fontes primárias apresentam várias interpretações, outras novas abordagens de tratamento e passíveis de contribuição a respeito da história da colonização da América do Sul por meio de duas visões, duas versões igualmente importantes. De fato, apesar do perfil ambivalente, o uso do ato de escrever- *qillqaq* na Língua Quéchuá, foi utilizado e Guaman Poma e o Inca Garcilaso, o fizeram prevalecer em suas épocas.

---

<sup>57</sup> RAMINELLI, R. J. **A era das conquistas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013. v. 1, 154p.

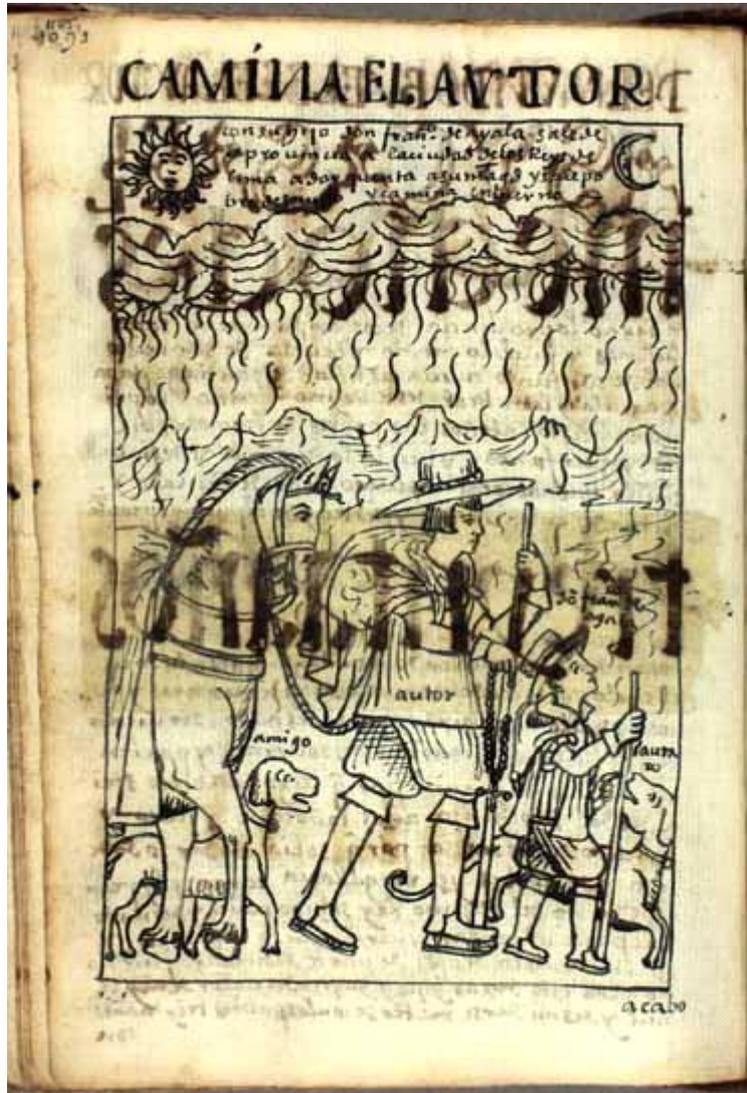
## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das obras dos dois autores, constatou-se uma verdadeira complexidade no discurso de ambos. Se por um lado, Guaman Poma atuou por escrever a respeito da cultura indígena e sua relação dicotômica entre as diversas formas de corrupção colonial e abuso dos espanhóis e de sua própria cultura *aos índios que se corrompam*, isto foi diferente. Por outro, o Inca Garcilaso, longe do Peru, pôde transportar para a cultura espanhola uma possível versão dos dois mundos, pela impecável noção de erudição e origem cultural e pela aculturação efêmera ocorrida na vida deste que fizera parte de outra exceção, a da elite mestiça.

As perspectivas indígena, mestiça, *criolla* e negra, longe de serem as versões etnográficas pormenorizadas, deram a poucos personagens coloniais do Brasil e do Peru, a chance de escapar parcialmente a tal ordem socioeconômica compulsória e coercitiva. E a noção colonial, embora presente no período, foi custando muito aos espanhóis e a outros reinos, ao ponto de culminar no século XIX, com as *Guerras de Independência* daqueles que se encontravam nos patamares sociais menores, ou das pequenas exceções.

Nos tempos atuais, as Américas são múltiplas no quesito social e cultural. Elas são riquíssimas culturalmente e ainda apresentam hierarquias socioeconômicas, como a questão da pobreza, da política e da educação. Aliado a isso, as etnias indígenas são até hoje pouco reconhecidas pelo Brasil; as línguas indígenas do México não são as mesmas de antes da colonização espanhola; e o Peru enfrenta um estado de extrema vulnerabilidade cultural, ao ponto de pôr em risco a preservação do Quéchua ou de outras línguas indígenas por sua própria sociedade.

Decerto, a pluralidade americana é densa, passiva de estudos no que diz respeito a identidade cultural. Mas ela é plural e pode ser capaz de crescer com o investimento na educação, com o respeito às culturas originárias e a tolerância em relação a estas. Enfim, a essa América, os dois, Felipe Guaman Poma de Ayala e o Inca Garcilaso de la Vega como *qillqaqkunam* representam uma possível e ambivalente representação da cultura andina e a cultura espanhola. E foram uma outra resposta para a colonização, iniciada na Era Moderna.



<sup>58</sup> POMA DE AYALA, FELIPE GUAMAN. “Camina el avtor con su hijo don Francisco de Ayala. Sale de la provincia a la ciudad de los Reys de Lima a dar quenta a su Magestad. Y sale pobre, desnudo y camina enbierno.” [1095] - (1105). Ver: <http://www.kb.dk/permalink/2006/poma/1105/es/text/?open=id3091013>



---

<sup>59</sup> Representação do Inca Garcilaso de la Vega. *El Inca Garcilaso*, 1958. Óleo sobre tela, Biblioteca Nacional do Peru. Por: Francisco Gonzáles Gomarra.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### FONTES PRIMÁRIAS

GARCILASO DE LA VEGA, Inca, Inca Garcilaso de la Vega: **Primera parte de los Comentarios Reales de los Incas**. Lisboa, 1609.

\_\_\_\_\_. **Historia general del Perú** (segunda parte de los **Comentarios Reales de los Incas**). Córdoba, 1617.

POMA DE AYALA, Felipe Guaman. **El Primer Nueva Corónica y Buen Gobierno**. (1615-1616). Acessado da Universidade Copenhague:

<http://www.kb.dk/permalink/2006/poma/info/es/frontpage.htm>

### FONTES SECUNDÁRIAS

ADORNO, Rolena. Guaman Poma. **Literatura de resistencia en el Perú colonial**. México: Siglo veintiuno editores, s.a., 1991.

BERNAND, Carmen. **História do Novo Mundo 2: as mestiçagens**. São Paulo. Editoria de São Paulo, 2006.

BETHELL, L. (ORG.): **História da América Latina, Volume I – América Latina Colonial**, São Paulo, Edusp, 2008.

ELLIOT, J.H.: “A Conquista Espanhola e a Colonização da América” In: BETHELL, L. (ORG.): **História da América Latina, Volume I – América Latina Colonial**, São Paulo, Edusp, 2008.

FRAGOSO, João. BICALHO, Maria Fernanda e GOUVEIA, Maria de Fátima. Prefácio de J.R. Russell-Wood. **O Antigo Regime nos Trópicos: a dinâmica imperial portuguesa, séculos XVI-XVIII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

\_\_\_\_\_, FRAGOSO, João. GOUVEIA, Maria de Fátima. **O Brasil Colonial, volume I**. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

\_\_\_\_\_, FRAGOSO, João. GOUVEIA, Maria de Fátima. **O Brasil Colonial, volume II**. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

IVO, Isnara Pereira.(Orgs.)**Escravidão, Mestiçagem e Histórias Comparadas**. São Paulo/Belo Horizonte: Annablume/PPGH-UFMG, 2008.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, p. 305 a 327.

LEWKOWICZ, Ida. **Trabalho compulsório e trabalho livre na história do Brasil**. São Paulo. Unesp, 2008.

MACLEOD, M.J.: “A Espanha e a América: o comércio atlântico” In: BETHELL, L. (ORG.): **História da América Latina, Volume I – América Latina Colonial**, São Paulo, Edusp, 2008.

MURRA, J.V.: “As Sociedades Andinas antes de 1532”, in: BETHELL, L.: **História da América Latina – volume 1: América Colonial**, São Paulo, Edusp, 2008.

MURRA, J.V.: **El Mundo Andino – población, medio ambiente y economía**, Lima, Instituto de Estudios Peruanos, 2010.

PRADO, Maria Ligia Coelho. Repensando a história comparada da América Latina, **Revista de História**, 153 (2º 2005), 11-33.

RAMINELLI, R. J. **A era das conquistas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013. v. 1, 154p.

QUISPE AGNOLI, Rocío. *La fe andina en la escritura: resistencia e identidad en la obra de Guaman Poma de Ayala*. Lima: Fondo editorial de la Universidad Nacional Mayor de San Marco.

SERNA, MERCEDES Arnaiz. *La política colonial en las obras del Inca Garcilaso de la Vega y de Guaman Poma de Ayala*. In: **Anales de Literatura Hispanoamericana** ISSN: 0210-4547 2012, vol. 41 p. 99-120.

.\_\_\_\_\_La política colonial en las obras del Inca Garcilaso de la Vega y de Guaman Poma de Ayala. **Anales de Literatura Hispanoamericana**. 2012, vol. 41; p. 99-120

VIANA, Larissa. **O idioma da mestiçagem: as irmandades de pardos na América Portuguesa**. Campinas, SP. Editora Unicamp, 2007.

THOMAS, H.: **El Imperio Español de Carlos V**, Buenos Aires, Planeta, 2011.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. São Paulo, SP: 1982.

## **DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE**

Eu, Mércia Dalyanne Lopes de Araújo, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado “QILLQAQKUNA PIRUWMANTA- FELIPE GUAMAN POMA DE AYALA E O INCA GARCILASO DE LA VEGA” foi integralmente por mim redigido, e que assinaei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho é inédito e que nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico, nem foi publicado integralmente em qualquer idioma ou formato.

Brasília, 8 dezembro de 2016.

---

Mércia Dalyanne Lopes de Araújo